

ENCONTRAR FUGITIVOS É FORMA DE DAR CARA A INIMIGO SEM ROSTO

Gilles Lapouge

O Estado de S. Paulo, 16. de setembro, 2001.

Nada será como antes: nossos sistemas de segurança, nossa solidariedade, nossos projetos políticos, nossas visões da história, nossas maneiras de pensar, de nos divertir, de amar, tudo mudou devido aos Boeings suicidas. Entramos em um mundo inédito, aliás, do qual não conhecemos ainda as imagens que vai desvendar.

Nada também será como antes para os derramadores de sangue, para os terroristas. Antes, o rebelde colocava sua bomba, desviava seu avião.

Em seguida, ele tinha apenas a preocupação de fugir, escapar de suas vítimas. Hoje, o camicase, o terrorista que morre com sua bomba, não tem mais necessidade de fugir. Ele se contenta em morrer.

É verdade que as coisas são um pouco diferentes quando não se trata de um único camicase, mas de uma ação múltipla que põe em jogo não só vários camicases, mas também todos aqueles que prepararam, organizaram e fomentaram a logística do crime.

É o caso do que aconteceu em Nova York: se uma ou duas dezenas de fanáticos se mataram ao mesmo tempo que mataram, restam ainda dezenas de pessoas que não estavam nos aviões, mas que participaram da ação. E essas pessoas não desapareceram com seu crime. Elas fugiram. O que explica a caça que os Estados Unidos iniciaram. Essas pessoas devem ser encontradas para que sejam punidas, como é normal fazer com os assassinos. Mas essa caça tem também um outro sentido: ela deve dar uma cara ao que não tem cara.

Uma das razões do horror - além da importância simbólica dos objetos destruídos e do grande número de vítimas - é precisamente o fato de não se saber quem são os assassinos. Daí um sentimento de irrealidade: houve um enorme massacre, mas por quem foi cometido? Por ninguém? Por "invisíveis". A carnificina foi cometida por uma "força misteriosa", "algo" indescritível, inominável, quase abstrata.

O mundo livre sentiu-se atacado por um exército de fantasmas, de espectros, por ausências. Essa impressão de irrealidade e de espírito satânico foi reforçada pela seguinte bizarrice: os "seres" que cometeram sua infâmia a executaram com as próprias armas dos

que eles atacavam. Foram os aviões americanos, que decolaram de aeroportos dos Estados Unidos, que atingiram no coração a civilização americana. A imensidão do pânico que se espalhou no mundo inteiro - inclusive e sobretudo sobre as crianças - explica-se, é claro, pelos fluxos de sangue, mas também por esses aspectos irracionais: um crime sem precedentes foi cometido, e por quem? Por um "nada".

É esse nada que o FBI e todas as polícias do mundo caçam: trata-se de dar uma cara a esse nada, de fornecer um nome aos "inomináveis" que quiseram mutilar a civilização ocidental (americana, européia, capitalista, rica, cristã, nórdica etc. etc.) E já, depois de poucas horas, o FBI e a CIA, tão nulos diante do drama, deram grandes passos. Começa-se a ver aumentar, na escuridão da chapa fotográfica, as silhuetas trêmulas dos cúmplices dos assassinos.

O inquérito se desenvolve em todas as direções e a todo vapor. Com enormes dificuldades, pois os homens que agiram pertencem a muitos grupos, desconhecidos, descentralizados e multinacionais. Outra ironia macabra do caso: foi uma "multinacional" do ódio que atacou o próprio santuário da sociedade "multinacional".

Por isso, mesmo que o saudita Osama Bin Laden seja um dos patronos do crime, seria ingênuo acreditar que a possível prisão desse homem seria suficiente para livrar o mundo da peste. Não se fica livre de um formigueiro, matando sua rainha. Uma outra rainha a substitui e o fervilhamento continua.

Bin Laden criou uma federação da morte que tem suas fortalezas no Afeganistão dos talebans, mas na realidade tem partes localizadas em outros lugares. Ela abrange dezenas de países. E isso se dá de duas maneiras.

Em primeiro lugar, as cruzadas do terror que Bin Laden recrutou e que, desde então, formam no Afeganistão um Estado dentro do Estado, e são catequizadas, formadas, dirigidas, equipadas e bem remuneradas por Bin Laden (um total de 5 mil ou de 10 mil) são originárias de, no mínimo, uma dezena de países:

Chechênia, Arábia Saudita, Argélia, Marrocos, Paquistão, Sudão, Palestina.

Outro indício dessa "etiqueta" multinacional: Bin Laden administra uma fortuna, que serve para fomentar a máquina do terror. E essa fortuna utiliza, com brio, os circuitos mais sofisticados das finanças internacionais, graças à forte posição econômica da família Bin Laden.

Certamente, os irmãos de Bin Laden, sucessores do chefe do clã, Mohammed Bin Laden (já falecido) garantem que não têm mais nenhuma relação com seu irmão terrorista, Osama Bin Laden.

Na realidade, parece que existem pontes estreitas entre os negócios do Saudi Bin Ladin Group (cifra de negócios desse grupo em 1990: 36 bilhões de dólares), administrados pelos irmãos, e as atividades do terrorista, Osama.

Portanto, Osama tem à sua disposição a centena de filiais "off shore" que o clã Bin Laden mantém nas Antilhas holandesas, nas Bahamas, em Curaçao e até mesmo na Suíça.

Mas a empresa de demolição de Osama Bin Laden é "multinacional" também de uma outra maneira: porque ela tem relação com um grande número de outros grupos terroristas que fazem devastações em toda parte. E com uma espécie de astúcia, essa "internacional" da morte é dotada de uma estrutura flexível, ágil, porosa, que torna problemática qualquer identificação.

As diferentes organizações que giram em torno da organização Bin Laden (Al-Qaida) não sabem o que se passa nas outras. Elas fazem seu trabalho em seu setor até o dia em que a organização as impulsiona, distribui-lhes ordens, dinheiro e lhes designa um alvo.

É o que explica o lado disparatado e frágil das informações em que estamos submersos há 48 horas. Prenderam um homem em um hotel em Hamburgo, na Alemanha, em seguida o soltaram, seguem-se pistas, cercam pessoas, encontram... Os policiais parecem crianças brincando com as peças de um quebra-cabeça. E esse quebra-cabeça, por um lado é gigante e obscuro, mas além disso, muda de desenho de uma hora para outra.

Podemos, no entanto, citar alguns lares infectados pelo vírus: segundo Washington, Cuba seria uma das plataformas do terror. Na Colômbia, os terroristas estariam sob as asas do Exército de Libertação Nacional e das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

Mas, a maior concentração situa-se no Oriente Médio e na Ásia: Turquia (Frente do Partido da Libertação do Povo Revolucionário); Grécia (Grupo 17 de Novembro e Luta Popular Revolucionária); Argélia (Grupo Islâmico Armado - GIA); Egito (Gama Islamiya e Jihad); Palestina (Abu Nidal, Hamas, Jihad Islâmica, FDLP, FPLP); Paquistão (Harakat al-Mujahedin, Jaish-e-Mohammed, Exército de Mohammed, Lashkar-i-Taiba); Filipinas (Abu Sayyaf e Novo Exército do Povo); Afeganistão (Al-Qaida), Líbano (Hezbollah), Usbequistão (Movimento Islâmico do Usbequistão).

Essa lista não é exaustiva. Por exemplo, é certo que, na França, existem organizações terroristas, ligadas de perto ou de longe à multinacional. A mesma coisa na Alemanha, na Inglaterra, etc. Cúmplices por toda parte.

Esse fervilhamento dá vertigem. No Sudeste Asiático, não há um dia sequer em que não se revele uma nova organização extremista, que invoque direta ou indiretamente Bin Laden; a Malásia, país altamente evoluído, muito próximo do Ocidente, vê surgir grupos muito virulentos: o Kumpulan Militar Malásia comete atos de violência não só no país, como também na Indonésia. Os chefes desse grupo viajam muitas vezes para o Afeganistão.

Essa revisão dá calafrios. Os terroristas dispõem de grandes reservas de homens. Imaginemos um polvo: suponhamos que o braço do polvo que cometeu o horror em Nova York seja inteiramente identificado e destruído; dez outros braços, cem outros braços vão se movimentar.

Algumas pessoas se iludem com a esperança de que a complexidade da operação em Nova York teria esgotado a capacidade dos terroristas e que vamos respirar um pouco, antes que os fanáticos possam montar uma outra operação.

Temo que isso não passe de uma ilusão. Os "estoques" de frenéticos resignados ao suicídio ou mesmo ávidos por morrer são amplos. E o êxito do que se passou em Nova York fez nascer muitos outros jovens amantes da morte!

Voltamos, aqui, ao tema do "nada": o camicase é um servidor extasiado do nada. E por isso ele fascina.

De maneira bizarra, o câncer do terror possui uma metástese em um país não-islâmico, o Japão. E o que é pior: os japoneses foram os primeiros a experimentar os métodos desse terrorismo "new style".

Lembremos: no dia 30 de maio de 1972, três japoneses do Exército Vermelho japonês (o Nihon Sekigun - grupo aliado ao FPLP palestino de George Habache) entraram no aeroporto de Tel- Aviv (Lod), usaram granadas e fuzis, atiraram para todos os lados, sacrificaram a própria vida, mataram 26 pessoas.

Certamente, os atentados suicidas são muito antigos: podemos encontrá-los já no século 11, na Pérsia, com a seita dos Hashishim, abrigada na fortaleza escarpada do Alamut e cujo chefe (o "velho da montanha"), em nome da pureza do islamismo, mandou seus homens matarem os inimigos da verdadeira fé islâmica. Após seu ato, os fanáticos aguardaram que uma multidão os apedrejasse. Os documentos da época nos dizem que ficaram impassíveis, indiferentes. (A palavra "assassino" vem desses Hashishin).

Mais recentemente, houve camicases japoneses da 2.^a Guerra Mundial, que se jogaram sobre os navios inimigos com seus aviões.

Mas, na triste epopéia do terrorismo contemporâneo, foram exatamente os três membros do "Exército Vermelho japonês" que realizaram, em 1972, no Lod, a primeira operação-suicida. E já, na loucura do aeroporto de Lod (Tel-Aviv), observou-se uma outra característica do terrorismo atual: seu internacionalismo.

No Lod, o internacionalismo foi ainda mais longe: o atentado foi realizado contra os judeus, em nome de uma organização palestina árabe, por japoneses que evidentemente não eram muçulmanos - uma obra-prima em seu gênero. Uma obra-prima do inferno.